

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REPRESENTAÇÕES E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS NA PANDEMIA: PRIMEIRAS REFLEXÕES A PARTIR DA CONJUNTURA DA COVID-19 NO BRASIL

Aline Silva Santos

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP

paisageira@gmail.com

Resumo

O presente artigo pretende apresentar uma primeira reflexão sobre como são representados e apropriados os espaços cemiteriais brasileiros a partir das imagens difundidas por veículos de comunicação do país durante a pandemia da COVID-19. Para tanto, foram realizados levantamentos em sites e redes sociais de jornais, portais de notícias *online*, além de incursão etnográfica em cemitério na cidade de São Paulo. Ressalta-se que este trabalho se denomina como uma “primeira reflexão” por apontar direcionamentos que podem ser aprofundados em sua continuidade e em pesquisas derivadas. Por fim, aponta-se a dificuldade de realização de trabalho de campo dado o andamento da pandemia.

Breve contextualização sobre o espaço cemiterial brasileiro

O espaço cemiterial brasileiro, no surgimento dos seus primeiros exemplares, segue influências dos modelos ocidentais europeus principalmente católicos. Assim, apresenta-se predominantemente horizontalizado, com construções tumulares que frequentemente continham referenciais religiosos. Deste modo, na maioria das grandes cidades brasileiras no século XIX, principalmente em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, os primeiros cemitérios extramuros, apesar de laicos, não eram seculares. Sendo que, além disto, eram locais de demonstração de poder e riqueza das elites por meio da construção de capelas e encomendas de estatuária para ornamentar seus jazigos.

Paralelos a estes modelos, tem-se também, na mesma época, necrópoles voltadas a imigrantes não católicos, como ingleses e alemães, que fundaram cemitérios de caráter

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

protestante. Menos ornamentados por estatuárias devido a influências religiosas, e mais vegetados, ainda apresentam, no entanto, construções tumulares bem definidas.

Posteriormente, tem-se ainda experimentações de verticalização que, com o passar do tempo, irá se incorporar à lógica do edifício dando origem a cemitérios verticais que atualmente em sua configuração externa em nada se diferem de edifícios comerciais.

Apenas em meados do século XX que irão aparecer os primeiros modelos de cemitérios considerados parque ou jardim. Estes, seguem modelos estadunidenses e ingleses dos *lawn cemeteries* e dos *memorial park*, cujo primeiro exemplar deste último foi o cemitério “Forest Lawn”, localizado em Glendale nos EUA. Apesar de algumas de suas diferenças, estes cemitérios se caracterizam por túmulos predominantemente gramados, identificados basicamente por placas ao nível do solo (ARIÈS, 1982; SLOANE, 1991). A instituição que reivindica a implantação do primeiro exemplar de cemitério jardim no Brasil é o Cemitério da Paz, em São Paulo - SP, pertencente à Associação dos Cemitérios dos Protestantes (ACEMPRO), fundada em 1844. Esta mesma instituição já havia fundado em 1856 o Cemitério dos Protestantes ao lado do Cemitério da Consolação em São Paulo, além de gerir posteriormente o Cemitério de Colônia nos arredores de São Paulo. O gosto por necrópoles com túmulos gramados e vegetados vai se difundir no país, principalmente entre os investidores particulares. Assim, observando-se cemitérios particulares abertos desde então pelo país pela iniciativa privada, diversos seguem esta conformação (SANTOS, 2015).

A lógica tumular simples e singelamente demarcada irá também ser utilizada pelo poder público, entretanto, executada de modos diferentes, como será visto a seguir. Na cidade de São Paulo, por exemplo, é emblemático que após um estudo das necrópoles por grupo de trabalho na década de 1960 irá determinar que os próximos cemitérios públicos abertos sigam o modelo jardim (SANTOS, 2015).

Se carentes de manutenção, estes tipos de espaços cemiteriais aparentam ser apenas um terreno marcado por elevações no solo que indicam o “aqui jaz”. A uniformidade tumular, mais do que expressar igualdade começará a expressar a serialidade, a morte anônima das grandes cidades. É o que será visto em tópico posterior deste artigo.

Morte tabu x Morte espetacularizada

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ernest Becker (2013) já postulava que o ser humano naturalmente nega o fato de sua mortalidade, recorrendo a diferentes estratégias para estabelecer alguma forma de permanência no mundo. Soma-se ainda o fato de que pesquisadores das mais diferentes áreas, como historiadores e sociólogos (ARIÈS, 1982; MORIN, 1976; RODRIGUES, 2011; entre outros) observaram que a morte, principalmente no que diz respeito ao Ocidente¹, a partir de meados do século XX, encontra-se progressivamente em um movimento de escamoteamento nos grandes centros urbanos: espaços cemiteriais perdem relevância; pessoas gravemente enfermas são encerradas em hospitais, onde o morrer deve comparecer asséptico e escondido da vista do cotidiano; o luto é cada vez mais contido; as marcas do envelhecer são dissimuladas, buscando-se uma aparência de juventude permanente. E pode-se dizer que esta atitude se estende, em certa medida, para além da virada do século².

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a morte é tabu, apresenta-se frequentemente no cotidiano: figura na violência urbana, guerras, desastres e meios de comunicação. Tal presença, no entanto, não a torna mais palatável aos indivíduos. Ainda na década de 1990, Zygmunt Bauman (1998) a partir de leitura de Georges Balandier chamava atenção para o fato de que a espetacularização da morte levaria a um estado de indiferença. Assim, enquanto a morte que concerne ao indivíduo e seus entes próximos seria escamoteada, a que é reproduzida em excesso, principalmente pelos veículos midiáticos, seria banalizada, sendo sempre concernente a um “outro”. Nas palavras do autor:

A morte próxima de casa é dissimulada, enquanto a morte como um transe humano universal, a morte dos anônimos e “generalizados” outros é exibida espalhafatosamente, convertida num espetáculo de rua nunca findo que, não mais evento sagrado ou de carnaval, é apenas um dentre muitos dos acessórios da vida diária. Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para despertar emoções intensas. É coisa “usual”, excessivamente comum para ser dramática e certamente demasiado comum para ser dramático a respeito. Seu horror é exorcizado pela sua onipresença, tornado ausente pelo excesso de

¹ Aqui podemos contemplar também países como o Brasil, no sentido da herança do caráter cultural-religioso.

² Entretanto, não se pode deixar de se considerar que há atualmente movimentos que buscam reverter esse cenário, promovendo atividades que visam debates públicos sobre a morte e morrer (WALTER, 1994; 2017). Atividades estas muitas vezes facilitadas por redes sociais na internet (DICKINSON, 2018). No Brasil, um exemplo é o “movimento inFinito”, que promove palestras, cine debates, dentre outras ações. Para maiores informações sobre este último ver: <https://infinito.etc.br>.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

visibilidade, tornado ínfimo por ser ubíquo, silenciado pelo barulho ensurdecedor. (BAUMAN, 1998, p.199)

Com a pandemia da COVID-19, a morte antes reprimida, mostra seu retorno abrupto ao cotidiano em uma escala global, não só “escancarada” (KOVÁCS, 2012) mas cada vez mais próxima de todos indivíduos, no sentido de possível contaminação. No Brasil, a situação estende-se desde março de 2020, com a primeira morte registrada no dia 12 do referido mês³, e apresenta seu pior momento em 2021.

A representação dos espaços cemiteriais brasileiros na pandemia

Ao longo da pandemia da COVID-19, os espaços cemiteriais passaram a ser enfoque de maior atenção pública. Isto porque, devido ao crescente número de mortes, estes se tornaram locais de grande movimentação, atenção e também potenciais perigos. Cemitérios passaram a ter suas imagens destacadas a todo momento pelos veículos de comunicação, nas quais frequentemente aparecem covas sendo abertas, enterros, e sepultadores paramentados com vestimentas protetivas.

Um levantamento realizado para este trabalho constatou que no jornal Folha de S.Paulo, entre 01 de março de 2020 e 31 de março de 2021, 10 primeiras capas⁴ apresentaram fotografias de espaços cemiteriais brasileiros em notícias relacionadas à COVID-19, sendo a primeira veiculada no dia 01 de abril de 2020 (figura 01). Outros jornais como O Estado de S. Paulo, O Globo e Diário de Pernambuco, apresentaram tais tipos de fotografia em respectivamente, 3, 4 e 4 capas no mesmo período (quadro 01). Pode-se dizer que, mesmo em menor quantia que a Folha de S.Paulo, estes números são significativos, dado que são as primeiras páginas – capa – de veículos de comunicação de grande porte no país.

3 A primeira morte por COVID-19 no Brasil foi de uma mulher de 57 anos, na cidade de São Paulo. Para maiores informações sobre o caso, ver: MARTINS; ROXO, 2020.

⁴ Versão impressa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 01. Capa do Jornal Folha de S.Paulo de 01 de abril de 2020, na qual aparece pela primeira vez fotografia de cemitério após o início da pandemia da COVID-19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/04/01/> Acesso em 22 julho 2021.

Quadro 01. Capas de jornal com fotografias de espaços cemiteriais brasileiros em notícias sobre a pandemia da COVID-19 – período de 01/03/2020 a 31/03/2021.

Jornal	Nº de Capas de jornal com fotografias de espaços cemiteriais brasileiros em notícias sobre a pandemia da COVID-19 Período - 01/03/2020 a 31/03/2021
Folha de S.Paulo	10
O Estado de S. Paulo	03
O Globo	04
Diário de Pernambuco	04

Fonte: Sites dos jornais acima discriminados. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>; <https://www.estadao.com.br/>; <https://oglobo.globo.com/>; <https://www.diariodepernambuco.com.br/> Acesso em: 22 de julho de 2021. Contagem realizada pela autora.

Já no Instagram, aplicativo voltado predominantemente à circulação de imagens, onde os jornais realizam diversas postagens diárias, foram constatadas 93 publicações nestes moldes no período acima referido no perfil oficial da Folha de S.Paulo e 42 no perfil do O Globo (quadro 02). Observa-se ainda que, por diversas vezes, as datas dos registros fotográficos não eram divulgadas e, em alguns casos, nem o local que se realizou. Além disto, notou-se que, dentro desta lógica, algumas publicações utilizavam

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021





fotos iguais em distintas publicações em diferentes datas, conforme levantamento realizado no perfil da Folha de S.Paulo (quadro 03).

Quadro 02. Postagens no Instagram contendo fotografias de espaços cemiteriais brasileiros em notícias sobre a pandemia da COVID-19 entre 01/03/2020 e 31/03/2021.

Jornal	Nº de postagens no Instagram - Espaços cemiteriais brasileiros em notícias sobre a pandemia de COVID-19 Período - 01/03/2020 a 31/03/2021
Folha de S.Paulo	91
O Globo	42








Fonte: Perfil do Instagram dos jornais acima discriminados. Disponível em: <https://www.instagram.com/folhadespaulo/> e <https://www.instagram.com/jornaloglobo/> Acesso em: 22 de julho de 2021. Contagem realizada pela autora.

Quadro 03. Postagens no Instagram contendo fotografias iguais de espaços cemiteriais brasileiros em notícias sobre a pandemia da COVID-19 entre 01/03/2020 e 31/03/2021, no perfil do jornal Folha de S.Paulo.


Miniatura da imagem postada	Datas de recorrência	Fotógrafo	Cemitério
	23/04/20; 12/05/20 (p&b)	Edmar Barros	Não indicado nas postagens, mas pode-se identificar o cemitério N. Sra. Aparecida em Manaus.
	30/05/20; 17/06/20	Lalo de Almeida	Não indicado nas postagens, mas parece ser o Cemitério Vila Formosa em São Paulo.
	19/05/20; 12/06/20; 20/06/20; 01/07/20; 04/07/20; 16/07/20	Edmar Barros	Cemitério N. Sra. Aparecida em Manaus.
	05/05/20; 10/07/20	Bruno Kelly	Não indicado nas postagens.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

	13/08/20; 03/06/20	Lalo de Almeida	Não informado, porém em uma das postagens indica que é em um cemitério na zona sul de São Paulo, podendo-se inferir que seria o Cemitério São Luiz.
	31/08/20; 10/10/20	Lalo de Almeida	Não indicado nas postagens.
	25/08/20; 15/12/20; 11/02/21	Lalo de Almeida	Não indicado nas postagens.
	29/07/20; 28/09/20	Michael Dantas	Não informado nas postagens, mas pode-se identificar o cemitério N. Sra. Aparecida em Manaus.
	08/08/20; 26/02/21; 03/03/21	Lalo de Almeida	Cemitério Vila Formosa
	24/02/21; 02/03/21	Lalo de Almeida	Cemitério Vila Formosa
	18/03/21 (p&b); 26/03/21	Karime Xavier	Não indicado nas postagens.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

	28/04/20; 14/01/21	Yan Boechat	Cemitério Vila Formosa
---	-----------------------	-------------	------------------------

Fonte: Levantamento de informações e quadro desenvolvido pela autora a partir do conteúdo do perfil do Instagram do jornal Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/folhadespaulo/> Acesso em: 22 de julho de 2021.

De todas as publicações analisadas, tanto nas primeiras capas dos jornais impressos como nas postagens do Instagram, os cemitérios que mais figuraram foram os de Vila Formosa e São Luiz, em São Paulo, e o de N. Sra. Aparecida, em Manaus. Todos estes, cemitérios públicos e de caráter popular. Ademais, quanto a sua conformação, podem ser considerados de tipologia jardim de acordo com a descrição do Art. 2º da Resolução 335/2003 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), a qual define que cemitério parque ou jardim “é aquele predominante recoberto por jardins, isento de construções tumulares, e no qual as sepulturas são identificadas por uma lápide, ao nível do chão, e de pequenas dimensões” (BRASIL, 2003).

O jardim, geralmente é um espaço que no imaginário remete a paz e fruição, referência que comparece até em sua raiz etimológica (SANTOS, 2015), entretanto, nestes exemplos apresentados, o jardim como local de paz não se mostra nas imagens divulgadas na mídia, sendo geralmente evidenciada a dor do morrer na pandemia, cujo cenário é o solo nu revirado e a morte anônima seriada. Estabelecendo-se um comparativo entre os espaços livres destes cemitérios com alguns cemitérios particulares de igual tipologia nas mesmas cidades (São Paulo e Manaus), podem ser notadas discrepâncias nas suas conformações, apresentando ambiências distintas. Além disto, as necrópoles de caráter popular foram as que mais sofreram com a pandemia, dado o maior número de enterramentos e condições precárias de realização de rituais fúnebres.

O Serviço Funerário Municipal da cidade de São Paulo, por exemplo, dentro de seu plano contingência determinou que fossem suspensos em toda cidade os velórios de vítimas de COVID-19 a partir de 25 de abril de 2020, devendo as homenagens de despedida serem realizadas em estruturas instaladas próximas às sepulturas (SFMSP, 2020). Estruturas estas ausentes em cemitérios voltados à camada mais pobre da população.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Assim, rituais de despedida tiveram que sofrer mudanças significativas e muitas vezes o adeus se deu apenas no momento do enterramento, que teve que ocorrer com a urna fechada e a presença de poucas pessoas no caso de morte devido à COVID-19.

Especialistas, sobretudo da área da psicologia como Maria Helena Franco (2021) chamam a atenção para como estas atitudes podem implicar de maneira negativa em relação ao luto. A literatura da área já relata que a materialidade da morte é melhor digerida com a possibilidade de ver e tocar o corpo do morto, por exemplo. Além disto, o apoio do círculo social é fundamental para a lida com a perda de um ente querido, o que é deveras afetado pela situação de distanciamento social recomendado pela situação da pandemia (FRANCO, 2021).

Uma proposta de percurso pelas imagens

Diante de tais informações, será apresentado seguir um primeiro percurso por algumas imagens fotográficas difundidas por veículos de comunicação dentro deste contexto. Assim, procura-se propor uma reflexão de como poderiam reverberar no imaginário popular brasileiro e possíveis repercussões na forma como os espaços cemiteriais são vistos e apropriados. Ressalta-se, entretanto, que não se pretende apresentar um estudo finalizado, mas primeiras impressões sobre a temática, constituindo-se um trabalho em andamento

Isto posto, destacam-se algumas compreensões aqui utilizadas no que se refere às noções de imaginário e imagem. Neste sentido, apresenta-se a caracterização de imaginário proposta por Jean-Jacques Wunenburger (2007), que o designa como um

conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, retrato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste e sentidos próprios e figurados. (p. 11)

Quanto à imagem, esta é tratada em uma concepção para além da pura ilustração de algo escrito, mas contendo uma certa vida própria. Como explicita Etienne Samain, toda imagem de alguma maneira veicula algum pensamento e faz pensar, sendo dotada de movimento: “[s]em chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p.31).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sobre a fotografia em específico, destaca-se o que diz Roland Barthes (1984) quando aponta que sua subversão estaria justamente quando esta é pensativa: “(...) a Fotografia é subversiva não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (BARTHES, 1984, p.62). Sendo que Emmanuel Alloa (2017) desenvolve tal proposição, indicando que esta pensatividade estaria em um “entre” com o observador:

(...) a ‘pensatividade’ só desenvolve realmente sua força de subversão quando não realça mais o sujeito representado, mas quando se difunde e afeta tudo que a cerca. No espaço entre a imagem e o olhar que ela provoca, uma atmosfera pensativa se forma, um meio pensativo” (ALLOA, 2017).

Samain (2012) aponta que a imagem ainda seria dotada de diversas camadas, não pertencendo a um único tempo histórico, nutrindo-se de um tempo anacrônico. Ela então participaria de “histórias e memórias que a precedem”, podendo “(re)formular-se”, tomar outras direções e formas. Desta maneira, o registro fotográfico não consistiria em algo dotado de um único sentido, mas contenedor de diferentes possibilidades de leitura. De modo que Ronaldo Entler afirma que o registro fotográfico “oferece poucas garantias de uma leitura inequívoca, pois o discurso que produz é poroso, permeável às intenções com as quais é confrontado” (2012, p.142). Assim, nem mesmo a visão do fotógrafo poderia determinar totalmente o sentido de sua fotografia, pois como aponta Susan Sontag “[a]s intenções do fotógrafo não determinam o significado da foto, que seguirá seu próprio curso, ao sabor dos caprichos e das lealdades das diversas comunidades que dela fizerem uso” (2003, p.36).

Ademais, também não se pode descolar o suporte onde as imagens fotográficas são veiculadas. Em grande parte, as fotografias dos espaços cemiterias durante a pandemia foram veiculadas *online*, dentro de um contexto em que as imagens circulam cada vez em maior quantidade e de forma mais rápida. Estas, assim como as informações, circulam de maneira “não filtrada”, excessiva, cumulativa, o que acaba conseqüentemente podendo embotar a percepção (HAN, 2018). Tornadas itens de consumo, segundo Byung-Chul Han, as imagens na atualidade⁵ “não provocam nenhum espanto”, e mesmo aquelas que são “repulsivas, devem nos entreter” (2018, p. 103).

⁵ Atualidade aqui considerada a conjuntura das duas primeiras décadas do século XXI.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Considerações acima feitas, apresentam-se a seguir algumas imagens selecionadas para problematização, as quais constituem-se exemplos paulistanos, dada a proximidade pela localização geográfica da autora deste trabalho:

- **A cova que nos olha**

A primeira imagem selecionada, pode ser caracterizada como uma das mais emblemáticas da pandemia da COVID-19 no Brasil: apresenta diversas covas abertas, no Cemitério Vila Formosa, em São Paulo - SP.

De autoria de Andre Penner, foi divulgada na capa da edição de 02 de abril de 2020 do jornal estadunidense The Washington Post (figura 02), e, por conta disto, circulou o mundo. Sendo que, no dia 03 de abril, o jornal O Estado de S. Paulo, apresentou uma imagem com esta mesma temática (figura 03), realizada, porém, por outro fotógrafo, Felipe Rau. Estas covas, vistas do alto, foram registradas também por outros fotógrafos e divulgadas em reportagens em diferentes veículos de comunicação (figuras 04 e 05).



Figuras 02 e 03. À esquerda, capa do jornal The Washington Post em 02/04/2020; à direita capa do jornal O Estado de S. Paulo em 03/04/2020. Fonte: Sites dos jornais, disponível em respectivamente: <https://thewashingtonpost.pressreader.com/the-washington-post/20200402> e <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20200403-46189-nac-1-pri-a-1-not> Acesso em: 22 julho 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figuras 04 e 05. Fotografias aéreas do Cemitério Vila Formosa, realizadas em 2020, de autoria de Paulo Lopes (esquerda) e Toni Pires (direita), divulgados (respectivamente) pelos portais de notícias G1 e El País. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/26/opas-preve-883-mil-mortes-por-covid-19-no-brasil-ate-inicio-de-agosto.ghtml> e <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-26/novos-tumulos-no-brasil-retratam-o-impacto-da-pandemia.html>.

Os ângulos apresentados mostram uma perspectiva seriada, distante e anônima. A quem são endereçadas estas covas na pandemia? O cemitério, de contexto popular e periférico, evidencia uma morte que, apesar de ameaçar a todos, não faz as suas vítimas da mesma maneira.

Pode-se fazer referência aqui ainda a Didi-Huberman (2010), quando o mesmo aponta que a imagem retorna, reverbera algo naquele que a observa. Ali, entretanto, o túmulo não se mostra a partir de sua construção, no qual sua presença se revela pela ausência – na figura do cadáver – que encerra em seu interior. Arrisca-se dizer que estes túmulos não seriam “volumes dotados de vazio” (DIDI-HUBERMAN, 2010 p. 35) mas, enquanto covas, seriam vazios dotados de volume, volume este caracterizado pela expectativa de corpos a serem enterrados.

O artista Marcelino Melo, que realizou registro semelhante no cemitério São Luiz em São Paulo, relaciona esta disposição seriada das covas a um “código de barras” (PICHONELLI, 2020), em um sentido de algo produzido em série, em escala industrial (figura 06). Outra associação que o fotógrafo fez também foi a do material predominante neste tipo de cemitério: a cor do solo nu também é a predominante na paisagem das periferias devido ao tijolo de barro, material majoritário das habitações muitas vezes autoconstruídas e sem acabamento (figura 07). Assim, seria um material presente em ambas as moradias – dos vivos e dos mortos – dos mais atingidos pelas mazelas da pandemia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figuras 06 e 07. Fotografia aérea do cemitério São Luiz por Marcelino Melo, também conhecido como “Menino do Drone” (esquerda) em maio de 2020; e fotografia do bairro do Capão Redondo (direita), bairro periférico próximo ao cemitério São Luiz, por Léo Britto – Agência Mural, s/d. Disponível em (respectivamente): <https://32xsp.org.br/2021/05/04/capao-redondo-distrito-mais-populoso-do-campo-limpo-e-esquecido-durante-audiencia/> e <https://desenrolaenaomenrola.com.br/contextos-perifericos/fotografo-registra-transformacao-do-cemiterio-sao-luiz-durante-a-pandemia/> . Acesso em: 22 de julho de 2021.

- **Sepultador e cova; corpo como local de perigo**

As covas abertas foram elementos frequentemente representados em fotografias dos cemitérios, sendo que os sepultadores são os personagens que mais figuram junto a elas. Estes, aparecem em movimento conjunto com a terra, cavando e se misturando com o próprio solo (figuras 08 e 09).



Figura 08. Sepultador (ao fundo) cavando túmulos no Cemitério Vila Formosa. Foto: Gui Christ, 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2020/06/cemiterio-sao-paulo-vila-formosa-brasil-familiares-mortos-pandemia-coronavirus> Acesso em: 22 julho 2021.



Figura 09. Sepultador cavando túmulos no Cemitério Vila Formosa. Foto: Karime Xavier, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/03/ultima-semana-somou-mais-mortes-do-que-primeiros-72-dias-de-pandemia-no-brasil.shtml> Acesso em: 22 julho 2021.

Registrados muitas vezes com máscaras e roupas protetivas, ao carregar as urnas funerárias despertam certa aura de perigo. Isto porque, encerrado no caixão que carregam, segue um corpo que não pode ser mostrado, possível foco de contaminação. Dentro deste imaginário, faz-se aqui referência às imagens dos liquidadores de Chernobyl que, em suas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vestes precariamente improvisadas e ferramentas simples, precisavam trabalhar em meio a um material contaminado (figuras 10 a 13).



Figuras 10 e 11. Imagem da esquerda mostra sepultadores trabalhando no Cemitério Vila Formosa em São Paulo e da direita, trabalhadores de Chernobyl carregando material a ser descartado. Semelhança nos gestos, possível relação de imagens no imaginário. Fotos: Marcelo Zambrana, 2020; Igor Kostin - Sygma via Getty, 1986. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/28/familias-de-sp-nao-poderao-escolher-onde-enterrar-vitimas-de-covid-19.htm>; <https://www.theatlantic.com/photo/2019/06/chernobyl-disaster-photos-1986/590878/> Acesso em: 22 julho 2021.



Figuras 10 e 11. Imagem da esquerda mostra sepultadores escavando sepultura no Cemitério Vila Formosa em São Paulo e da direita, trabalhadores de Chernobyl escavando material contaminado. Em ambas as fotos, os trabalhadores usam pás. Semelhança nos gestos, possível relação de imagens no imaginário. Fotos: Yan Boechat, 2020; Igor Kostin - Sygma via Getty, 1986. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/cemiterios-de-sao-paulo-tem-ao-menos-30-enterros-por-dia-de-mortos-com-suspeita-de-covid-19.shtml>; <https://www.theatlantic.com/photo/2019/06/chernobyl-disaster-photos-1986/590878/> Acesso em: 22 julho 2021.

Indaga-se: este tipo de representação de lida com o corpo dentro do cemitério, juntamente com as proibições em relação ao cadáver dos mortos por COVID-19 poderia provocar um afastamento em relação a este espaço?

Com esta indagação, realizou-se uma incursão etnográfica no dia de Finados de 2020 em outro cemitério popular da cidade de São Paulo, o Cemitério São Pedro. E notou-se que, apesar de haver uma frequência menor que a comum para a data, ainda havia um número expressivo de visitantes. E estes, em muitos casos, demonstravam proximidade com o local dos túmulos. Assim, observou-se que, mesmo durante uma conjuntura de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pandemia, as pessoas ainda tocavam os túmulos e muitas vezes realizavam com as próprias mãos a limpeza da vegetação que estava plantada sobre o local. Isto também pôde ser observado em registros realizados no Cemitério Vila Formosa e divulgados em jornais, como pode ser visto por algumas das imagens a seguir (figuras 12 e 13).



Figuras 12 e 13. Visitantes do Cemitério Vila Formosa no dia de Finados em 2020, veiculadas no sítio do jornal El País. Foto: Lela Beltrão. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/11/02/album/1604345331_990258.html. Acesso em: 20 novembro 2020.

Entende-se, entretanto, ser um recorte que não necessariamente caracteriza um comportamento que pode ser universalizado, sendo necessário um maior trabalho de campo em diferentes locais para entender como estas imagens podem reverberar no imaginário coletivo e influenciar na apropriação destes espaços. Por questões de deslocamento e desenrolar da pandemia, não houve possibilidade de um campo em cemitérios manaus, por exemplo.

Considerações finais

Entende-se que este trabalho apresentou um primeiro e pequeno recorte dentre as centenas de fotos divulgadas pelos grandes veículos de comunicação brasileiros. Procurou-se, contudo, a partir dos casos apresentados, oferecer exemplos de possíveis leituras de algumas destas imagens cemiteriais na pandemia. Leituras estas que não se pretendem fechadas, mas abertas a diferentes interpretações.

Dependendo de como se constituem, as imagens podem reforçar estereótipos ou ajudar a construir novas concepções em relação aos espaços cemiteriais e também seus trabalhadores. Ademais, também podem ser ferramentas para reflexão sobre como são representados e conformados estes espaços que se apresentam de diferentes formas a distintos públicos, revelando também que a morte não se mostra democraticamente a todos, mesmo em um contexto pandêmico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Por fim, espera-se ainda que este primeiro levantamento de dados possa oferecer subsídios para posteriores pesquisas relacionadas a imagens fotográficas de espaços cemiteriais brasileiros durante a pandemia da COVID-19.

Referências

- ALLOA, E. Entre a opacidade – o que a imagem dá a pensar. In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 7-19.
- ARIÈS, P. **O Homem diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Vol. 02.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BECKER, E. **A negação da morte**. São Paulo: Record, 2013.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA. **Resolução nº 335, de 03 de abril de 2003**. "Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios". Brasília: DOU, 2003.
- DICKINSON, G. E. State of the field of death in the United States. In: CANN, Candi K (ed). **The Routledge Handbook of Death and the Afterlife**. London: Routledge, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ENTLER, R. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, Etienne(org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora Unicamp, 2012. p.21-40.
- FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: Uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus Editorial, 2021.
- HAN, B. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- MARTINS, E.; ROXO, S. O drama da família da primeira vítima do coronavírus no país. **O Globo**, 08 agosto 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/o-drama-da-familia-da-primeira-vitima-do-coronavirus-no-pais-24575672>. Acesso em: 23 julho 2021.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.
- PICHONELLI, M. Código de Barras. **UOL**, Tilt, 22 junho 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/menino-do-drone-fotografa-codigo-de-barras-de-valas/> Acesso em: 22 de julho de 2021.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: FioCruz, 2011.
- SAMAIN, E. As Imagens não são como bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, E.(org.)**Como pensam as imagens**. Campinas: Ed. Unicamp, 2012. p.21-40.
- SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO (SFMSP). Prefeitura de São Paulo apresenta plano de contingência e novas medidas para Serviço Funerário. **Portal**

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do Serviço Funerário Municipal de São Paulo, Notícias, 15 dezembro 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/servico_funerario/noticias/index.php?p=296889 Acesso em: 07 agosto 2021.

SLOANE, D. C. **The last great necessity**: cemeteries in American history. Baltimore: Md. Johns Hopkins University Press 1991.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

WALTER, T. **What death means now**: thinking critically about dying and grieving. Bristol: Policy Press, 2017.

WALTER, T. **The Revival of Death**. London: Routledge, 1994.

WUNENBURGER, J. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.